

A VISITA DO FISCAL

Mesmo numa metrópole do futuro onde o transporte de cargas pesadas é feito através de trens subterrâneos ou, onde robôs e computadores, realizam todo tipo de serviço braçal ou intelectual, ainda existem aqueles que preferem métodos de ganhos de capital um tanto antiquados.

Antiquados pois, se o cidadão vive numa sociedade onde o robô realiza o trabalho pesado; então, por-quê estabelecer uma empresa no mercado cujo lema principal é: “NÃO UTILIZAMOS MÁQUINAS”?

Harveston Capoli era o proprietário dessa empresa.

E o trabalho dela era realizar todo serviço funerário de um cidadão.

-Fazemos o trabalho sem robôs. Nossos cadáveres não são tratados como simples sacos mortos sem vida. Quem morre com serviço funerário contratado com a nossa empresa deixa pago um pacote que inclui barba, bigode, cabelo, tamponamento de todos os orifícios, maquiagem, caixão, flores para o caixão, carro funerário, coveiro,etc, etc, etc... Um fim de primeira linha para o finado.

Vendendo sua filosofia de trabalho, Harveston Capoli conseguiu uma boa clientela: os ricos da alta sociedade que preferiam dar o serviço para uma empresa do ramo sem ter de arregaçar as mangas para fazê-lo.

Em duas horas, o cadáver que entrasse nas oficinas de Harveston Capoli, saia prontinho para o funeral com uma aparência juvenil e de vigor que nunca em vida tivera.

Com isso, ele logo se tornou um homem rico.

Mas não só com o trabalho honesto...

Harveston Capoli sabia que muitos dos que usufruíam de seus serviços, traziam nos corpos bens valiosíssimos que poderiam ser extraídos, como por exemplo: dentes de ouro, fios de cabelos artificiais, pasta de pele sintética, órgãos, membros biônicos, implantes,etc...

Extraídos dos cadáveres, estes itens eram vendidos a centros médicos especializados em tratamentos de estética, rejuvenescimento e saúde.

O detalhe é que tal extração era completamente ilegal para a finalidade que se destinava.

E é claro que Harveston sabia que cometia crime.

Para que suas mutretas não fossem percebidas, depois de fazer as extrações do que ia utilizar e as respectivas substituições, ele mergulhava os cadáveres em soluções químicas que, além de incharem os mesmos, lhes dava uma aparência saudável.

Várias e indescritíveis eram as mutretas usadas para saquear os cadáveres, uma enciclopédia poderia ser escrita sobre o assunto...

Para se ter idéia, um dos truques utilizados era assim: quando o defunto era totalmente “artificial” (muitos implantes das mais diversas naturezas pelo corpo) e, aproveitável, Harveston colocava no caixão, bonecos infláveis com o rosto do morto, deixando o cadáver original consigo.

A tradição pela pilantragem já era antiga na família de Harveston Capoli.

Um dos seus irmãos por exemplo, trabalhava na prefeitura onde era fiscal.

Nesta qualidade, sempre arrumava motivo para multar as empresas que fiscalizava.

Claro que para facilitar a vida dos fiscalizados, ele aceitava presentes...

Numa certa tarde de inverno, Harveston recebe um chamado de seu irmão fiscal.

-Que manda Percleston?

-É o seguinte: hoje, você vai receber a visita de um fiscal.

-Ué... Mas não era você que vinha fazer a fiscalização aqui?

-Era! Ocorre que, com esse novo prefeito no poder, muita gente antiga foi mandada embora para que, em seus lugares, assumissem familiares do homem.

-Esse fiscal que vem aqui é muito careiro?

-Pelo que me consta, o cara é honesto, certinho e “Caxias”. Você pegou o pior de todos.

-Essa não!

-Limpe a área, pois, o cara vai estourar por aí a qualquer momento.

-Ok. Obrigado irmão.

Em menos de dois segundos, Harveston Capoli chamou os empregados que trabalhavam com ele.

-Escondam tudo o que for comprometedor nos compartimentos secretos. Não quero nada à vista.

Uma hora depois, o cenário estava aparentemente pronto para a visita do fiscal.

Harveston Capoli remoía o cérebro pensando se nada havia sido esquecido.

Deitou-se num sofá cheio de grandes almofadas e sentiu alguma coisa esquisita por debaixo delas.

Levantou-se sobressaltado: jogou as almofadas de lado deparando-se com pedaços de cadáver embrulhados em plástico preto que já deveriam ter sido despachados para o hospital.

-Carálho!

Novamente, chamou seus empregados.

-Limpem logo isso aqui. O cara vai chegar.

Não deu outra! Menos de dez minutos depois, o fiscal chegou.

O próprio Harveston foi recebê-lo.

Com disfarçada naturalidade e cordialidade, procurou fingir que deixava o fiscal bastante à vontade.

-Veja! Aqui estão nossos arquivos com os registros referentes a tudo o que foi descontado com efeito de imposto de renda. - Disse apontando para uma prateleira cheia de CDs. - Aqui, - Disse apontando para outra. - Estão nossas movimentações financeiras. Qualquer dúvida, o senhor pode consultar nossos computadores, ou mesmo me chamar.

-Tudo bem. Eu me viro sozinho.

Harveston Capoli foi para o seu escritório se acalmar entre um e outro gole...

Duas horas depois, quando todos os empregados já haviam ido embora, com exceção de Harveston, o fiscal terminou seu trabalho e foi para a sala dele.

-Bem, Senhor Harveston. Pelo que posso constatar, a sua empresa não apresentou nenhuma irregularidade aparente.

Enquanto dizia isso, o fiscal sentou-se no famoso sofá cheio de almofadas e tirou dali algo embrulhado num saco plástico preto.

-Mas... Isso parece... Isso parece...

Sem relutar, o fiscal abriu o embrulho e tirou de dentro deste uma mão em avançado estado de decomposição com um grosso anel de ouro no dedo médio.

-Ora, ora, ora... Parece que falei cedo demais... Não acha?

-Bem... Eh... Uh...

-Isso é uma prova clara de que o senhor rouba os cadáveres que passam pelo seu estabelecimento. Creio que, se procurar com mais afinco, talvez eu encontre extratores de membros biônicos, órgãos e de pele sintética.

Harveston continuou mudo.

-Sabe que a pena pelo crime de reaproveitamento de partes de cadáveres costuma

ser de dez a quinze anos para todos os partícipes do crime!

Harveston engoliu em seco.

-Ora senhor Harveston. Não precisa fazer essa cara. O senhor não vai para a cadeia. Posso assegurar isso. Sabe por-que? Somos irmãos de profissão.

Harveston Capoli não acreditou no que ouviu.

-Sim, senhor Harveston Capoli, além de fiscal, eu trabalho com material extraído de cadáveres. Acredito que o senhor não se atenha somente à extrações de anéis e dentes de ouro dos defuntos, certo?

-É...

-Sabe, senhor Harveston, o meu ramo é um pouco diferente. Eu trabalho com cérebros. Disponho de toda a aparelhagem para apagar as informações de um cérebro, recondicioná-lo e posteriormente ainda vendê-lo como novo. Posso até passar as informações de um cérebro morto para um dos meus recondicionados. Veja só...

Do bolso da jaqueta, o fiscal tirou um saco plástico transparente com uma solução amarela no seu interior.

-Vê? Eu coloco cérebros aqui. Eles duram até 50 anos dentro deste protetor.

-Incrível! Eu já havia lido alguma coisa sobre o assunto nos informativos especializados, mas... Me diga uma coisa, como conseguiu contornar o problema da extração cerebral? Ao que me consta, o cérebro só poderá ser aproveitado se for extraído e colocado nestes invólucros depois de no máximo quinze minutos após a morte do doador.

-Ah! Vejo que o senhor é um homem bem informado.

O fiscal chegou mais perto de Harveston.

-Veja só. O senhor vai conhecer nosso grande segredo.

Dizendo isso, o fiscal tirou do paletó uma pistola e deu um tiro no coração de Harveston Capoli matando-o instantaneamente.

-Eu mesmo antecipo a morte das pessoas e faço a extração dos seus cérebros na hora!

O corpo de Harveston Capoli foi encontrado sem cérebro. O órgão havia sido roubado.

O fiscal, não foi mais visto naquela região.

Também...

Nunca mais precisaria de trabalhar!

Só vendendo aquele cérebro que obtivera, conseguira ganhar muito mais dinheiro do que o finado Harveston com sua empresa trabalhando incessantemente vinte e quatro horas por dia durante toda a vida.

MORAL DA HISTÓRIA: Alguns serviços são melhor remunerados que outros...
